

Volume em preparação

<http://rual.web.ua.pt>

Tema do volume de 2012: «O(s) rosto(s) da Europa»

Envio de artigos até 2 de Julho de 2012

Coordenação: Ana Maria Ramalheira (amram@ua.pt)

As propostas de artigos para publicação deverão ser enviados para: dlc-rual@ua.pt

O DOS CASTELOS

A Europa jaz, posta nos cotovelos:
De Oriente a Ocidente jaz, fitando,
E toldam-lhe românticos cabelos
Olhos gregos, lembrando.

O cotovelo esquerdo é recuado;
O direito é em ângulo disposto.
Aquele diz Itália onde é pousado;
Este diz Inglaterra onde, afastado,

A mão sustenta, em que se apoia o rosto.
Fita, com olhar esfíngico e fatal,
O Ocidente, futuro do passado.

O rosto com que fita é Portugal.

Fernando Pessoa, in: *Mensagem* (1928)

O tema Europa abrange uma imensa e heteróclita bibliografia e continua a fazer correr muita tinta. A discussão em torno da «ideia de Europa», que abarca obviamente aspetos geográficos, políticos, económicos e culturais, adquiriu recentemente novos contornos à luz da profunda crise económica por que atravessa o Velho Continente principalmente desde 2008.

O pluralismo linguístico e a diversidade cultural que caracterizam a Europa não têm impedido contudo que os Estados que a integram tenham vindo a partilhar não só vivências históricas, decorrentes de alianças, disputas políticas e conflitos religiosos, mas também ideias, literatura, música, tecnologia... Nos últimos 60 anos, após duas sangrentas guerras mundiais — que foram também, e principalmente, «guerras civis europeias» — têm sido dados passos importantes na construção da Europa tal como hoje a conhecemos. Com o fim da II Guerra Mundial e com a Declaração Schuman, os seis países fundadores da Comunidade Europeia do Carvão e do Aço propuseram-se tirar partido dos ensinamentos do passado e construir laços de solidariedade, em que a fusão dos interesses económicos contribuiria para a melhoria do nível de vida e para a criação de uma comunidade económica.

Com a queda do Muro de Berlim e o concomitante desmoronamento do Comunismo na Europa Central e Oriental, assiste-se a uma nova fase no estreitamento das relações entre os países europeus, em larga medida impulsionado por uma Alemanha a braços com a Reunificação e por uma França inquieta, desdobrando-se em

manobras diplomáticas tendentes a assegurar que as mudanças geopolíticas no xadrez europeu se desenrolassem sob o chapéu da Europa. O subsequente desmoronamento do Bloco de Leste, a invasão do Afeganistão, a Guerra do Golfo, o *Não* à Constituição Europeia e as reações da Alemanha e da França à crise económica por que atravessam os chamados PIGS (um acrónimo de manifesta conotação disfórica que tem tido uma fortuna excecional) são muitas vezes invocados pelos eurocéticos nas suas manifestações de descrédito e desencantamento. Desde os Tratados de Roma, um triunfo para os europeístas, como Robert Schuman e Jean Monnet, até ao recente Tratado de Lisboa, foram sucessivamente assinados diversos documentos com o objetivo de aproximar económica e politicamente os Estados europeus. Este caminho foi trilhado com significativos avanços e recuos, aos quais a Europa todavia continua a sobreviver, contrariando uma morte reiteradamente anunciada.

Será que o Mercado Único e os Acordos de Schengen contribuíram de facto para criar uma cidadania europeia e uma concomitante identidade europeia (no sentido de consciência de uma comunidade ligada por laços de afetividade), como foi institucionalizado no Tratado da União Europeia? Como é que este sentimento de cidadania/identidade europeia se manifesta e em que é que se fundamenta? Como é que tem sido representado nas mais diversas áreas, designadamente *modus vivendi*, historiografia, literatura, música, artes plásticas, arquitetura, cinema, teatro, filosofia, direito, religião, matemática, demografia, mercado livreiro e de tradução, relações diplomáticas, empresariais, etc. Obama referiu-se recentemente de forma euforizante ao «caráter americano». Existirá igualmente um «caráter europeu»?

Por outro lado, quais os fatores políticos e culturais que poderão explicar a resistência de alguns países à assinatura de uma constituição europeia? O que é que une e o que divide histórica e culturalmente os diversos Estados europeus? O que é que os distingue e o que os aproxima da tão propalada ideia de Europa? Quais são as matrizes da cultura europeia e, principalmente, como é que elas se têm manifestado nas mais diversas áreas culturais? Como é que tem evoluído a ideia de Europa nas suas vertentes cultural, política e geográfica? Até que ponto é que a crise que se tem feito sentir desde 2008, e que tem afetado principalmente os países periféricos, está a atrasar o processo de construção da Europa, ressuscitando velhos fantasmas e fazendo vir à tona certos estereótipos? Até que ponto é que os recentes ditames económicos da Alemanha e da França — as chamadas «nações-pivot» da Europa — em relação aos PIGS, poderão prejudicar as almejadas cooperação e prosperidade, assentes numa união de soberanias nacionais, como previsto no Tratado de Maastricht, bem como a ideia da Europa como Eldorado que culminou na assinatura do Tratado de Lisboa? Quais os momentos, fases ou períodos históricos de afastamento e de (re)ligação dos Estados à Europa? Que imagens e/ou representações dos vizinhos e parceiros europeus é que circulam entre os vários Estados nos mais diversos domínios de hermenêutica intercultural, designadamente historiografia, literatura, teatro, cinema, imprensa periódica, manuais escolares, etc.? Como é que têm sido diacronicamente representados, dentro e fora da Europa, nomeadamente em (ex-)colónias, os conceitos como francofilia / francofobia, germanofilia / germonofobia, lusofilia / lusofobia ou outros semelhantes? Como é que têm sido representados os preconceitos em relação à Europa do Sul, depreciativamente designada também por «Club Med»? Quais os aspetos específicos das culturas nacionais, nos domínios da filosofia, religião, literatura, música, escultura, pintura, cinema, teatro, etc., que poderão servir de sustentáculo a uma união política europeia baseada na almejada solidariedade?

Qual o papel da memória ou dos *lieux de memoire* na construção de uma identidade europeia? Quais as representações do imaginário cultural europeu? Como é que se têm manifestado e o que significarão (também historicamente) expressões como literatura europeia, cinema europeu, teatro europeu, pintura europeia, escultura europeia, música europeia, etc.? Em que premissas assentam e de que forma são representados, nos mais diversos domínios, desde a política até às mais variadas manifestações artísticas, os argumentos dos eurocéticos e os argumentos dos europeístas convictos a propósito da cidadania europeia e da construção política? O que é que significa verdadeiramente ser europeu e como é que esse sentimento se manifesta? A cidadania da União Europeia será apenas um conceito político e jurídico ou será mais do que isso? Será que a partilha de raízes cristãs, de ideais democráticos e de objetivos económicos será suficiente para consubstanciar uma cidadania/identidade europeia? Será mesmo que, como diz Eduardo Lourenço, a América que se prepara para ser o Império Romano que a Europa não tem a força de sonhar? Como é que se terá vindo a manifestar a falada «americanização» da Europa? Em que medida é que a intervenção militar de Estados europeus na Bósnia e no Iraque, no âmbito da NATO, contribuiu para uma união ou para uma divisão política, ética e cultural europeia.

Qual o papel que desempenham as religiões na cultura e/ou mundividência europeia? Como é que se posiciona o Cristianismo como fator de identidade da Europa? Que lugar tem vindo a ser ocupado pelo Islão na velha e na nova Europa? Como é que se posiciona a cultura muçulmana nas democracias liberais europeias, em que, como propunha Jürgen Habermas, os cidadãos devem ser leais e sentir-se identificados não com uma identidade cultural comum, mas sim com princípios constitucionais que garantam plenamente os seus direitos e liberdades? Qual o papel e a influência das religiões na Europa nos planos das ideias, dos *modi vivendi* e das mais diversas manifestações culturais (literatura, artes plásticas, teatro, cinema, filosofia, direito europeu, etc.)? Como é que se manifestam as confissões religiosas e respetivas mundividências numa Europa que conta hoje com um número significativo de pessoas que se autodescrevem como sem religião, agnósticas e ateias? Em que medida é que uma assumida alteridade cultural dos «Estados-Nação» pode constituir-se como entrave, ou como alavanca, ao chamado projeto europeu? As nações assentarão em mitos, em realidades históricas ou na sobreposição de ambos? O que é que distinguirá o conceito político e jurídico afeto à cidadania/identidade europeia do conceito de cidadania/identidade nacional? O que é que distingue culturalmente os diversos «Estados-Nação»? Quais os desafios que hoje em dia, com a globalização impulsionada pela Internet, se colocam a este tipo de organização política? Que fortuna é teve a ideia de Nação, tal como foi politicamente elaborada nos séculos XVIII e XIX?

Como é que têm evoluído nos vários países europeus os conceitos de identidade nacional e de consciência coletiva? Ainda fará sentido falar-se em Pátria? Quais os estereótipos e/ou os mitos que são associados às diversas nações europeias, como é que se têm manifestado, como é que têm sido recebidos e em que medida é que servirão de obstáculo, ou de impulso, a uma identidade europeia? A ideia de Europa tem vindo a ser representada como espelho dos «Estados-Nação» e/ou como mito? Qual o contributo específico de cada Estado para o pensamento, a literatura, a música e outras formas de manifestações culturais de matriz europeia? O que é que significa e que consequências acarretará, a vários níveis, uma Europa a várias velocidades? Que repercussões, nos planos político e cultural, é que teria um eventual afastamento da Grécia

(incontestavelmente considerada, juntamente com Roma — e Jerusalém — um dos berços da cultura ocidental), ou de qualquer outro país (semi)periférico, do Euro? Como é que esta Europa envelhecida, em que muitos cidadãos apesar continuam a não se rever, pode ser refundada, reabilitada, regenerada ou relançada num mundo globalizado? Haverá ideias, mitos ou utopias suscetíveis de mobilizar os cidadãos dos diversos países em torno de uma certa ideia de Europa? A solução estará no (por alguns aparentemente tão ansiado) tratado constitucional, que os referendos em França e na Holanda rejeitaram? Ou o tão propalado federalismo não passará de mais uma bandeira de vã retórica? Será possível refundar a Europa sem uma participação ativa e massiva dos seus cidadãos? O que foi, o que é ou o que vai ser a Europa? Ficção, realidade, mito, ideal ou utopia? Enfim, a Europa hodierna será mais consentânea com o Hino da Alegria ou com um Requiem?...